

Centro Histórico de Vitória: O panorama de uma década de revitalizações e valorização do patrimônio

Marcelo Durão Rodrigues da Cunha*

1 Introdução

Sabe-se que no Brasil não é comum entre os habitantes de uma região metropolitana e adjacências, observar a área referente ao seu centro administrativo-comercial original com o senso crítico típico do cidadão que se julga partícipe do processo de legitimação e apreço por sua cultura.

Todavia, por mais que a degradação e o desprezo pelo “velho” tendam a desmerecer a zona originária do processo sócio-histórico de dado município, para a capital capixaba a última década revelou a possibilidade de se resgatar o sentimento de valorização e apreço pelo patrimônio através de história e cultura locais.

Nas décadas finais do século XX, o desenvolvimento sócio-econômico da capital do Espírito Santo trouxe consequências positivas à qualidade de vida da população vitoriense, perpassando por uma maior inclusão social, investimentos em transporte e infra-estrutura urbana.

Contudo, registraram-se altos e baixos em termos de preservação do patrimônio e salvaguarda da memória regional, tendo em vista os anos de abandono e descaso com as mediações de seu Centro Histórico e os monumentos que o compõem¹.

Desde discursos difamatórios até a total falta de atenção da esfera pública, o referido perímetro composto por monumentos de mais de quatro séculos de história, passou por momentos críticos entre as décadas de oitenta e noventa, até o início de políticas específicas, nas quais observou-se a participação da iniciativa privada e a efetiva intervenção do poder público estadual e municipal.

Desta forma, é importante analisar os mecanismos presentes no referido discurso de desvalorização e as consequências por ele trazidas, observando-se da mesma forma como o patrimônio e a consciência de pertencimento da população podem auxiliar no processo de revitalização de aspectos de uma região que tem, a partir de sua história, um forte potencial turístico-cultural.

* *Universidade Federal do Espírito Santo; Mestrando em História Social das Relações Políticas.*

1 O Centro Histórico de Vitória surgiu no trecho hoje conhecido como Cidade Alta. A área compreendia a parte onde se instalou o centro administrativo do Estado e o morro onde se localiza o Mosteiro de São Francisco, colonizado por portugueses a partir do ano de 1550. Concentra equipamentos culturais e de lazer, tais como: Teatro Carlos Gomes, Museus (Museu de Arte do Espírito Santo, Museu do Negro e Museu das Etnias), galerias de arte (Homeno Massena e Capela Santa Luzia), monumentos e logradouros públicos de valor histórico e artístico (prédios antigos, principais igrejas da capital, praças, escadarias, palácio, Parque Moscoso e Porto de Vitória).

2 Inchaço urbano, ocupação da orla e periferias - abandono do centro

Nos grandes centros urbanos brasileiros, principalmente a partir dos fluxos migratórios ocorridos nos anos 1970, observou-se a gradativa ocupação dos mais variados espaços municipais, desde pontos insalubres e afastados da região central, até as planícies litorâneas supervalorizadas pela especulação imobiliária.

Como elencado por Maria Beatriz Nader (2009), no caso da cidade de Vitória, o aumento demográfico resultou em significativas mudanças sociais, às quais acrescenta-se o crescimento dos índices de violência e um verdadeiro choque cultural, causado na então pacata “cidade presépio”, com o estabelecimento dos grandes planos industriais típicos daquele período.

Tal movimento populacional teve por resultado um visível inchaço urbano, cujas consequências se refletiram na ocupação desenfreada de bairros periféricos e no aumento das especulações imobiliárias, referentes em grande parte à Orla de Camburi e regiões circunvizinhas.

As melhores moradias e o melhor comércio transferiram-se para a zona das praias, no chamado “Novo Arrabalde”. “A construção do primeiro Shopping Center de Vitória, no início dos anos 90, consolidou esta região como a de comércio mais refinado e atraiu ainda mais escritórios e bancos à esta área” (KUSTER, 2003, p. 201).

Neste íterim, observa-se que a região que outrora fora o centro administrativo-financeiro e referência em cultura da capital, passa por um período de desvalorização e gradativa perda de atratividade econômica, com a transferência de sedes políticas e financeiras para as partes norte e noroeste da ilha.

A saída do núcleo histórico é marcada ainda pela presença dos grandes traçados urbanos, em substituição às pequenas remodelações que haviam então sido feitas na cidade. Vitória não é mais pensada como um todo, mas de forma fragmentada.

Este quadro só iria se reverter com a criação do Primeiro Plano Diretor Urbano, aprovado em 1984, quando a capital capixaba infelizmente já se encontrava retalhada pelo processo de especulação imobiliária consolidado a partir dos anos 1950 (MONTEIRO, 2008, p. 109).

Concomitante a tal processo, verificou-se a propagação de um discurso difamatório a respeito do Centro Histórico, onde tomaram lugar posicionamentos sensacionalistas por parte da imprensa local que resultaram por inibir o potencial turístico, bem como a necessidade de salvaguarda do patrimônio ali existente.

É inegável o declínio social daquele bairro, em face às mudanças estruturais ocorridas em toda a cidade. Atenta-se ainda ao fato de que as principais opções de entretenimento, outrora abundantes no centro, também acabaram por se deslocar para as novas regiões comerciais e residenciais, fazendo com que a vida noturna e o lazer ali existentes dessem lugar a um ambiente degradado pela violência, a prostituição e o tráfico de drogas.

Contudo, o cenário de abandono e degradação jamais foi exclusivo da área central do município, sendo o papel da imprensa muito forte no sentido de exagerar tais problemas e em diversos casos omitir imperfeições e defeitos de outros bairros, enaltecendo características da nova área comercial que se formava.

É um discurso de louvação ao moderno, representado pelas construções inteligentes, um contraponto aos prédios antigos do Centro de Vitória, representantes de um tempo histórico ultrapassado e que não estão à altura dos “homens que decidem”, não suportam o dinamismo exigido pela economia atual. Agora, com o novo Palácio do Café, Vitória abandona o subdesenvolvimento para compartilhar com os Estados Unidos e Europa da modernidade arquitetônica (BATISTA, 2006, p. 6).

Nesta mesma direção, o poder público até então não atentara para a necessidade de trabalhar a imagem de seu Centro Histórico, e muito menos em ações sociais que dessem início a um processo de revitalização e amparo às necessidades daquela localidade, apesar de boa parte de seus monumentos já terem sido tombados em instância federal e estadual.

Deste modo, esquecimento e degradação do patrimônio cresciam de forma paralela quando em menção à mais antiga área da capital, sendo a presença do complexo portuário e a permanência da sede do poder estadual, não suficientes para a concentração de esforços ao restabelecimento do Centro como emanante de cultura e tradição a serem preservados.

3 Políticas de revitalização e valorização do perímetro histórico

Em contraste a décadas de abandono e desvalorização, o fim dos anos noventa trouxe para a região do centro de Vitória o início de uma perspectiva de salvaguarda do patrimônio histórico de suas mediações.

Tarcísio Botelho aponta que o patrimônio histórico, portanto, surge como elemento central na redefinição dos usos do centro, já que ele forneceria o diferencial que garantiria a posição única da região na nova configuração assumida pela cidade. “De área demonizada, o centro passaria à condição de garantidor da identidade cultural de Vitória” (BOTELHO, 2005, p. 59).

É apenas a partir desse momento que o Centro Histórico começa a ser concebido e respeitado enquanto tal, se considerado que o poder público passou a empreender ações de revitalização dos espaços físicos, iniciando também campanhas com o caráter de repensar a utilização de seu entorno.

Interessa notar que tanto no Plano Estratégico da Cidade de Vitória quanto no Plano Plurianual 2002-2005, o tema da revitalização do centro aparece fortemente, embora não exclusivamente, associado ao tema do patrimônio cultural. No caso do Plano Estratégico, esta dimensão da vida da cidade deveria ser contemplada porque seria o elemento que diferenciaria a cidade dentro do cenário globalizado competitivo. Além disso, ele também seria um dos elementos garantidores da sustentabilidade do desenvolvimento que se queria para a cidade (BOTELHO, 2005, p. 59).

É nesta ocasião que o conceito de patrimônio passa a ser deslumbrado, de modo que em algumas situações, buscou-se a real definição do perímetro referente ao Centro Histórico, pela parceria entre diversos órgãos da esfera pública e privada, que passavam a ver com bons olhos a perspectiva cultural e o potencial turístico-econômico daquela área.

Na década de 1990, inicia-se uma mobilização por parte dos órgãos governamentais em prol da Revitalização do Centro de Vitória. E parte desse intuito de revitalizar é demonstrado na demarcação e na sinalização do Centro Histórico de Vitória. Com toda a história e o processo sofrido pelo Centro entende-se o motivo da delimitação daquela área compreendida entre o Forte São João até a Vila Rubim (ANDRADE, 2010, p. 15).

Com a percepção por parte do poder público a respeito das potencialidades do Centro de Vitória como local que conservava as características com as quais seria possível identificar a história capixaba, foram pensadas mudanças de caráter positivo e em amplos aspectos daquela área. Investimentos em cultura, negócios e a revalorização das moradias foram o carro chefe de algumas medidas empreendidas pela administração municipal.

Os projetos de transformação do Centro levaram em consideração novas propostas de qualificação da mobilidade urbana, melhoria do sistema de circulação da cidade, dinamização econômica e habitacional e adequação da paisagem e do meio ambiente, com incremento turístico e preservação do sítio histórico.

Além do projeto “Morar no Centro”², de importante caráter sócio, o programa de Revitalização passou a incluir, entre outras ações a restauração e recuperação de imóveis de interesse histórico e cultural.

Como complemento a tais ações, estudos identificavam que apesar do esvaziamento de pessoas e de investimentos do setor público, nestas últimas décadas, o Centro da Cidade permaneceu uma comunidade com fortes laços de sociabilidade: orgulhosos por ainda manter relações de proximidades um como os outros. Mantendo boas relações com as instituições presentes e estando desejosos de melhorias no campo físico e arquitetônico. Segundo Erly Anjos e Mário Lima, os habitantes do centro

almejam participar do Plano de Revitalização de sua área, visando com isso, obter melhores oportunidades de trabalho. Não descartando a

² Política de moradia da Secretaria Municipal de Habitação aprovada pelo Conselho Municipal de Habitação, o projeto Morar no Centro, em parceria com a Caixa Econômica Federal através do Programa de Arrendamento Familiar, inspira-se em experiências já realizadas no Rio de Janeiro e em São Paulo. Voltando-se, sobretudo, para a readequação de prédios abandonados e sua transformação em moradias populares.

possibilidade de que tal empreendimento possa lhes trazer investimentos nos campos da cultura, educação e do lazer - para suprir o sentimento generalizado de terem sido abandonados pelo poder público (ANJOS; LIMA, 2008, p. 25).

Desta maneira, com o início das atividades da organização não governamental Instituto Goia, cuja diretriz de trabalho se encaixava nos moldes da necessária revitalização social e urbana daquela mediação, passou-se a relevar em grande medida a participação dos próprios cidadãos naquele processo de preservação.

Através da Escola Municipal Profissionalizante de Arte e Ofício (EMPAO) e com o patrocínio da Companhia Siderúrgica de Tubarão, foram recuperadas diversas edificações históricas, iniciando-se um trabalho de suma importância em termos de inclusão social e educação patrimonial, no qual os habitantes do entorno e de bairros carentes da capital puderam exercer papel vital na reordenação do espaço público e na conscientização sócio-histórica daquelas comunidades.

Com a concretização de relevantes ações e papéis referentes ao Centro Histórico, tem início mais uma medida cujo fim principal é o de enaltecer o patrimônio e a memória do município, iniciando-se o chamado Projeto Visitar, que desde o ano de 2006, passou a levar a risca o referido potencial turístico, incentivando a visita e capacitando diversos profissionais em prol da manutenção e difusão do conhecimento acerca dos monumentos existentes na cidade.

O crescente número de visitantes e os resultados efetivos, em termos de procura por uma rica opção cultural, fizeram do Centro Histórico da capital capixaba uma referência nos quesitos restauro e reabilitação de um centro urbano outrora degradado.

As mais de 150 mil visitas registradas nos monumentos do Centro Histórico³, juntamente com a implementação de uma sinalização patrimonial interpretativa, concretizaram o Projeto como parte essencial do plano de turistificação e revitalização daquela área do município.

Realizando um trabalho de cunho sócio-educativo, foram criados documentos de memória oral, onde foi possível registrar depoimentos de moradores e organizá-los como importante arquivo de fonte histórica disponível para pesquisadores desta e de futuras gerações.

O apreço com a memória envolvendo a sociedade, também é visto nas oficinas de *souvenirs* oferecidas pelo Projeto, uma vez que a produção é disponibilizada para venda no próprio comércio da região, o que incrementa o envolvimento da comunidade e desperta o sentimento de participação no processo de reafirmação identitária do Centro Histórico.

A fomentação à pesquisa e o incentivo à redescoberta histórico-artística do patrimônio pôde se materializar a partir da publicação em 2011 da coleção “Vitória em Monumentos”, rica pesquisa documental que buscou enaltecer a importância das edificações e a necessidade de remontar à história das mesmas com fins de preservação e salvaguarda do bem material.

Desta maneira, o Projeto Visitar tem exercido importante papel no sentido de restabelecer o centro da cidade como algo muito além de um produto turístico comercializável, influenciando no processo de conscientização participativa da população e enaltecendo a relevância dos recursos humanos que dispunha.

É esta preocupação com a relação do humano e o monumento que permeou as ações do Projeto Visitar. Deste modo, se ampliando a concepção do autor Bruno Brulon Soares sobre museus ao âmbito do patrimônio como um todo, pode-se afirmar que a experiência sobre o território no patrimônio é posta em prática na esfera das relações humanas que nele sucedem: o Monumento reconcilia o humano com o ambiente integral.

É através da memória viva das comunidades que o patrimônio, “ao tentar refletir semioticamente o que o rodeia, descobre o poder da identidade, que sempre constituiu a sua essência. Finalmente, a experiência do intangível também marca este Patrimônio renovado” (SOARES, 2008, p.1).

Assim, envolvendo e levando em consideração tais conceitos e práticas, a administração municipal em conjunto com as referidas parcerias, pôde dar um grande passo em direção ao objetivo principal de manter tradição e cultura capixabas expressos através do Centro Histórico de Vitória e seus monumentos.

³ Dados da Secretaria Municipal de Turismo de Vitória.

4 Conclusão

Desta forma, o exemplo de Vitória serve como um princípio sólido para pensar a reversão de um drástico quadro de descaso com o bem cultural público. A consideração e o fomento ao sentimento de pertencimento por parte dos cidadãos tem sido a marca deste processo no qual bons resultados foram obtidos.

É certo que muito ainda precisa ser feito no sentido de consolidar uma imagem positiva relacionada ao Centro e seu entorno, visto que nas últimas décadas o imaginário popular esteve arraigado à ideia de decadência daquela região, certamente não condizente com a importância de seu inestimável valor enquanto bem cultural brasileiro.

Também é necessário considerar que neste curto panorama aqui realizado foram abordadas principalmente questões de valor histórico-cultural, sem incluir pontos sobre a clara defasagem infraestrutural e de segurança pública visível nos bairros componentes do Centro Histórico.

A não solução de problemas relacionados a estrutura urbana, trânsito, lazer, segurança e moradia, certamente será um entrave ao melhor desenvolvimento dos projetos de caráter cultural e de revitalização já iniciados pelo poder público.

Em suma, para o bom andamento dos programas de preservação e recuperação dos bens culturais capixabas, será necessário estabelecer metas ainda mais amplas em termos de preservação não apenas deste sítio histórico, mas das demais áreas e monumentos da região, de modo que a consciência cidadã em sua forma ativa se torne forte aliada de uma ampla campanha em prol da salvaguarda de patrimônios materiais e imateriais existentes no Estado. ■

Referências

ANDRADE, Marcela Oliveira de. *Centro Histórico de Vitória e seus limites*. Vitória: Instituto Goia, 2010.

ANJOS, Eryl E.; LIMA, Mário H. T. *Revitalizar o Centro de Vitória (ES): o que dizem os moradores?* SINAIS: Revista Eletrônica: Ciências Sociais. Vitória: CCHN, UFES, n.3, v.1, Jun. 2008.

BATISTA, Vitor Graize Magalhães. *Discursos sobre a decadência: o Centro de Vitória sob o olhar do Jornal A Gazeta*. Brasília, INTERCOM, 2006.

BOTELHO, Tarcísio R. *Revitalização de centros urbanos no Brasil: uma análise comparativa das experiências de Vitória, Fortaleza e São Luís*. Revista eure, Santiago de Chile, v. 31, n. 93, p. 53-71, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.cl/pdf/eure/v31n93/art04.pdf>>. Acesso em: 31 Jan. 2011.

KUSTER, Eliana. *Marcosvaldo e os doze passeios em Vitória: percursos temporais de conhecimento e valorização da região central da cidade*. Vitória: ARTGRAF, 2003.

MONTEIRO, Peter Ribon. *Vitória: cidade e presépio: os vazios visíveis da capital capixaba*. São Paulo: Annablume: Fapesp; Vitória: Facitec, 2008.

NADER, M. B. *Cidades, aumento demográfico e violência contra a mulher: o ilustrativo caso de Vitória*. *Revista de História* (UFES), Vitória, v. 23, p. 156-173, 2009.

SOARES, Bruno C. Brulon. *Quando o museu abre portas e janela: o reencontro com o humano no Museu contemporâneo*. 2008. Dissertação (Mestrado)-Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Museu de Astronomia e Ciências Afins, Rio de Janeiro, 2008.

Recebido em 21.02.2011

Aceito em 12.03.2011